

# O SILÊNCIO COMO POSSIBILIDADE DE ABORDAGEM FILOSÓFICA

Gustavo Henrique Fernandes Correia<sup>1</sup>  
[gustavohen\\_16@yahoo.com.br](mailto:gustavohen_16@yahoo.com.br)

Allan da Silva Coelho<sup>2</sup>  
[allan.filos@gmail.com](mailto:allan.filos@gmail.com)

## RESUMO

Refletir a categoria do silêncio como possibilidade filosófica parece ser algo pouco relevante devido à excessiva valorização do falar (e do barulho) presente de forma subentendida em nosso cotidiano. Ao mesmo tempo em que o silêncio, enquanto atitude pode ser algo desejado, associado à tranquilidade, também possui uma dimensão inquietante, perturbadora e até mesmo indesejado. Como não são poucas as abordagens e interpretações dos autores que se dedicaram a este assunto, o presente artigo tem como objetivo indicar as possibilidades de aproximações reflexivas das diversas categorias do silêncio, tendo em vista a multiplicidade de significados que lhe podem ser atribuídos.

## Palavras-chave

Filosofia, Linguagem, Silêncio

## ABSTRACT

*Reflect the silence as a philosophical category possibility seems to be something of little relevance due to the excessive appreciation of the talk (and noise) of this implied way in our daily life. While the silence as attitude, can be what you desire, coupled with the tranquility, also has a disturbing dimension, disturbing and even unwanted. As there are few approaches and interpretations of the authors who have dedicated themselves to this subject, this article aims to show the possibilities of reflective approaches of the various categories of silence, given the multiplicity of meanings that can be assigned.*

## Key-words

*Philosophy, Language, Silence*

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem objetivo específico explicitar a categoria do “silêncio” como possibilidade de ser entendida como um problema filosófico que merece ser refletido nos dias atuais. Vivemos em um mundo onde, muitas vezes, o silêncio é, em geral, apontado como algo indesejável, que provoca inquietação e perturbação estando continuamente associado ao tédio. O excesso de valorização do ato de falar, associado à postura de sujeitização, provoca a pensar dialeticamente o seu contrário, ‘o silêncio’, como uma forma de sobrevivência da experiência em suas diversas categorias. Em um mundo onde o

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Filosofia do Centro Universitário da Fundação Educacional Guaxupé (UNIFEG).

<sup>2</sup> Docente do curso de Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

barulho se faz demasiado presente, muitas vezes o ser humano não reconhece a importância e o sentido do silêncio. Neste sentido, este trabalho busca compreender e refletir possibilidades do sentido do silêncio, incluindo-se no campo maior das reflexões entre categorias analíticas e valoração de pressupostos éticos.

Para isso, realizaremos uma breve revisão de textos, inspirados especialmente na coletânea de artigos dos mais variados campos das ciências humanas organizada por Novaes com o título de “Mutações: O silêncio e a prosa no mundo”, publicado em 2014. Esta obra é resultado de um esforço de debates interdisciplinares promovidos pelo Sesc – Vila Mariana. A partir desta obra, sem limitar-se a ela, buscando a diversidade do uso da categoria em questão por vários autores, que atuam em diferentes áreas, explicitando um relativo interesse pelo conceito, bem como a maneira como veem e refletem sobre este assunto. Na primeira parte, de forma dialética, problematizaremos o uso da categoria silêncio, com destaque para a importância da fala (linguagem), sua supervalorização no contexto do horizonte de compreensão sócio histórica e tentaremos expressar o papel do silêncio. No segundo momento, com metodologia mais analítica e sintética, apresentaremos as diferentes definições de autores e pensadores quanto aos diversos tipos de silêncio. Por fim, propõe-se possibilidades de uso da categoria silêncio, em sua multiplicidade, com destaque para três perspectivas: o silêncio enquanto ausência, apreciação estética e experiência com o transcendente. Neste sentido, procura-se estimular novos estudos e aprofundamentos no tema.

## **2. SILÊNCIO COMO OPOSIÇÃO E/OU COMPLEMENTARIDADE À FALA E AO BARULHO**

Dentre tantas situações conflituosas da sociedade contemporânea queremos destacar a situação onde o senso geral indica o barulho versus silêncio. A valorização da fala, do som e, mais especificamente, do barulho em si, como sinal de integração, modernização, progresso, ativismo parece prevalecer como atitude de oposição à experiência de silenciar.

Segundo a psicóloga Camila Padrão (2009), a sociedade contemporânea desenvolve uma grande dificuldade de conviver com momentos silenciosos. Seria notório que em nossa cultura, sons, barulhos e ruídos integram a cena contemporânea como protagonistas, enquanto ao silêncio resta apenas um pequeno espaço como mero figurante. Hoje em dia, segundo esta linha da psicologia, grande parte das pessoas quer ouvir tudo e qualquer coisa que não seja o silêncio “ensurdecidor” que nos pesa aos ouvidos. Haveria uma espécie de valoração negativa do silêncio que o antagoniza com o barulho, sendo o silêncio associado ao estado de surdez e o escutar continuamente sons, ruídos, barulhos (e mesmo a fala

ocasional) estaria diretamente ligada ao pulsar da vida, do desenvolvimento, do sentir-se integrado ao mundo e à globalização. Haveria assim, uma certa dificuldade de conviver com momentos silenciosos.

Neste sentido, na crítica desta constatação, afirma Aduino Novaes:

Fala-se tanto que nem tempo se tem para pensar. Damos com muita facilidade e até certo desprezo um “adeus” às palavras de maneira tão tirânica e tão natural que nem conseguimos colher imagens que ela nos propõe. Sem o tempo do pensamento, a simplicidade das palavras e a riqueza dos sentidos desaparecem no fluxo tagarela. Sem a experiência do silêncio não se entende o que se diz. Ora, conhecer uma coisa é experiência; conhecer o sentido da fala é experiência. Muitas vezes, usamos signos e palavras sem pensar no seu verdadeiro sentido. Os dados impressionam: pesquisadores afirmam que, só nos Estados Unidos, houve um aumento de quase sete trilhões de palavras faladas, a partir da invenção de novas tecnologias. As perguntas são inevitáveis: o quanto se fala? Estamos entrando na civilização de falastrões em facebooks, twitters (escritos na cadência da fala), celulares, conversas on-line? A linguagem técnica domina a fala e põe em lados opostos os números, a percepção e a experiência do mundo? (NOVAES, 2014, p.12).

Desse modo, Novaes contrapõe a experiência e a percepção do mundo ao modo “falastrão”, como categoria de síntese do total domínio do ruído, falar, ouvir no qual estaria imersa a vida contemporânea. Há evidente diferença entre o ato da fala e a produção de sons e ruídos, mas a relação proposta implica no pressuposto de que ao falar e escutar demais, não se permite o tempo necessário para processar o sentido sobre o que é proferido. Segundo Novaes, frente uma “civilização de falastrões” seria necessário valorizar a experiência do silêncio e o entendimento do sentido do que é dito (e quem sabe, do que não é dito).

É neste mesmo cenário de compreensão que o comunicador Eugênio Bucci questiona: “Como pensar o silêncio no meio de tão vasta explosão?(Explosão, aliás, duradoura e persistente, que não é de hoje, que vem se intensificando pelo menos desde o final do século XIX)” (BUCCI, 2014, p.176).Esta pergunta associa mais uma vez a “explosão” de produção de fala e barulho ao contexto do desenvolvimento da sociedade situada historicamente, desde o final do século XIX em processo de intensificação.

Mas que silêncio precisa ser pensado e compreendido em seu contexto histórico? Afinal, barulho, ruído e fala podem ou não serem compreendidos como comunicação e linguagem, mas sempre contrapostos ao antagonista “silêncio” (que também comunica e expressa sua linguagem específica). Eni Orlandi afirma que “a fala divide o silêncio. Organiza-o. O silêncio é disperso, e a fala é voltada para unicidade e as entidades discretas.

Formas. Segmentos visíveis e funcionais que tornam a significação calculável. O silêncio escorre por entre as tramas da fala” (ORLANDI, 2002, p.34).

Na concepção geral, comunicação vem a ser um processo que envolve a transmissão e a recepção de mensagens entre uma fonte emissora e um destinatário receptor, no qual as informações, transmitidas por intermédio de recursos físicos (fala, audição, visão, etc) ou de aparelhos e dispositivos técnicos, são codificadas na fonte e decodificadas no destino, com o uso de sistemas convencionados de signos ou símbolos sonoros, escritos, iconográficos, gestuais etc. Já a linguagem relaciona-se com qualquer meio sistemático de comunicar ideias ou sentimentos através de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais etc. Portanto, refletir o silêncio, é refletir todo o universo linguístico, uma vez que é na fala, na linguagem, que ele acontece. Para David Lapoujade:

Compreende-se então que a natureza do silêncio só poderá se revelar se compreendermos, correlativamente, a natureza da fala. De fato, qual é a função essencial da fala? Como compreender a “prosa do mundo”, todos esses fluxos inumeráveis de falas que se fazem ouvir por toda a parte no planeta, mais densos, mais acessíveis do que nunca? A fala invade até mesmo a escrita, pois escrever se torna cada vez mais uma transcrição de palavras faladas. Não se trata de nos contentarmos com o nível geral de uma definição da linguagem, mas sim, de compreender o que significa para nós, hoje, utilizar a linguagem. A linguagem não é separável de sua função, de seu uso social (LAPOUJADE, 2014, p.152).

Ressaltando a função social da fala, Lapoujade destaca a necessidade de compreender o uso da linguagem para compreender também a natureza do silêncio, ao qual está associado diretamente. Desse modo, rompe com a noção simplista de separação entre falar e calar, como se o silêncio não constituísse o universo da linguagem e da comunicação. Sua tese defende que silêncio comunica, é forma de linguagem e deve ser entendido em relação ao uso da fala. Sem ampliar o objetivo deste artigo à compreensão de toda a linguagem, vale lembrar que Barthes, em seu livro *O rumor da língua*, afirma que “é a linguagem que ensina a definição do homem” e que não pode ser considerada “um simples instrumento, utilitário ou decorativo, do pensamento. O homem não preexiste à linguagem, nem filogeneticamente nem ontogeneticamente” (BARTHES, 1988, p.185). Pelas expressões de linguagem o ser humano produz significação e comunica intencionalidades. Do mesmo modo, para Eni Orlandi “a linguagem é a conjugação significativa da existência e é produzida pelo homem, para domesticar a significação” (ORLANDI, 2002, p.34).

Visto que a linguagem, em relação dialética, define e ao mesmo tempo é produzida pelo ser humano, constitui vários sentidos. Para Antonio Cícero, “a linguagem tem muitos sentidos em muitas raízes, mas o primeiro é sem dúvida, de natureza prática, instrumental. A linguagem nos permite não apenas comunicarmos-nos com os outros seres humanos, mas

descrever, classificar, qualificar etc diferentes coisas e pessoas, tendo em vista instrumentalizá-las para nossos próprios fins” (CICERO, 2014, p.371). Ora, um dos elementos que constituem o universo do entendimento da linguagem é o silêncio, que faz a mediação entre a fala, a prosa escrita, as simples palavras e sons emitidos. Giacoia Junior busca na citação de Espinoza a reflexão sobre esta perspectiva de relação entre o barulho e o silêncio quando afirma que “Certamente que a sorte da humanidade seria mais feliz se estivesse igualmente na potência do homem tanto falar como calar-se. Mas a experiência ensina suficiente e superabundantemente que nada está menos em poder dos homens que a sua língua (...) (cf. GIACOIA JUNIOR, 2014, p.79). De toda sorte, falar e calar constituem o mesmo universo da comunicação humana, mas não só, pois não está dissociada das atividades de constituição de sentido, significado e da reflexão que as gesta.

Comunicar (falar ou calar) suporiam o pensar, que nem sempre se apresenta com prática reflexiva. Neste sentido, Novaes atenta para o fato de que

Sabemos que o silêncio é a origem de uma ética, da construção dos sentidos e do mundo e, em particular, da construção do pensamento e das linguagens: “o oculto fascina”, escreve Jean Starobinsk. Podemos dizer também, inspirados nele, que o silêncio fascina porque guarda uma força estranha que leva o espírito a se voltar para o que não existe. É o silêncio entre as palavras que dá sentido à fala, e o mesmo acontece com o pensamento (NOVAES, 2014, p.20).

Quando este autor, inspirado em Jean Starobinsk, diz que o silêncio fascina, necessariamente nos deparamos com a realidade contemporânea onde o silêncio muitas vezes é negado pela tentativa de “preenchimento” total da vida pela fala, pelos sons e pelo barulho. Se de um lado o silêncio convida à reflexão, interiorização é entendida atualmente como espaço de vazio e solidão, destacado como valor negativo. Novaes acompanha o raciocínio do filósofo Maurice Merleau-Ponty para quem é preciso considerar o que resta à nossa volta, de mais silencioso, invisível e não aparente, “opiniões mudas implicadas em nossa vida” (MERLEAU-PONTY, 1964, p.17). Merleau-Ponty sugere uma diferenciação, no esforço do pensamento, entre a “fala falada” e a possível “fala falante”: se a tarefa do pensamento se dá exatamente através da criação permanente da fala (fala falante) que põe em palavras determinado silêncio que o filósofo escuta. Não existe uma coincidência muda entre as coisas do mundo e a linguagem; o que existe é uma relação ao mesmo tempo de antítese e de cumplicidade. Não se trataria de abandonar as coisas em favor da linguagem, nem de abandonar a linguagem em favor das coisas, mas de expressar as coisas, pela filosofia, a partir do seu silêncio (Cf. NOVAES, 2014).

O excesso da fala convida a pensar o seu contrário, ‘o silêncio’, como uma forma de sobrevivência da experiência. Se o silêncio também é linguagem, pois com ele, afirmamos,

negamos, consentimos, reprovamos e mostramos nossa alegria ou recriminação a algo, Giacoia Jr. Afirma que é preciso reaprender a ouvir a profundidade da “voz do silêncio”. Para ele, o silêncio está associado “à escuta originária que precede e articula linguagem e escuta” (2014, p.84). Neste sentido, afirma:

(...) só é capaz de silêncio um ser que pode falar que tem linguagem; quem nunca diz nada, assim como quem nada tem a dizer, também não pode guardar silêncio. Silenciamos, portanto, quando o fazemos, porque permanecemos reticentes, porque nos guardamos para dizer algo, algo que temos a dizer e que consideramos ter significação e importância (GIACCOIA JUNIOR, 2014, pp. 85-86).

Portanto, podemos concluir que o barulho excessivo tem em confronto a necessidade daquele que realmente quer refletir e deseja ser um ser pensante. Não é atitude de mera oposição, mas de necessária complementaridade. Não é ausentar todo o barulho, mas é gestar um certo equilíbrio entre o barulho e o silêncio. Mesmo sabendo que, ao atribuir ao barulho contínuo um valor positivo de vitalidade, restando ao silêncio apenas pouco espaço, ele permanece importante condição de refletir, entender, compreender, significar o que se diz. Entendendo que ambos compõem o campo da linguagem, tendo em vista que só é capaz de guardar silêncio um ser que fala, é possível e necessário refletir analiticamente sobre as possibilidades do silêncio.

### **3. SILÊNCIOS**

A reflexão sobre o silêncio evidencia que existem diferentes formas de compreender a categoria que à primeira abordagem podem passar despercebidas. Perceber os usos e funções do silêncio em sua relação essencial com a fala, ou como diz David Lapoujade, com a “prosa do mundo”, permite identificar a complexidade que defendemos neste artigo. Segundo Lapoujade,

é justamente no interior da linguagem, entre os seres falantes, que se encontra uma grande variedade de silêncios: (...) há o silêncio de quem escuta, de quem se recusa a falar. Há silêncios cúmplices, silêncios desaprovadores, silêncios ameaçadores, silêncios repousantes, e o silêncio das coisas materiais participa de todos esses silêncios (LAPOUJADE, 2014, p.152).

Na experiência da existência, o silêncio pode ser um encobrimento pela fala ou um irromper silenciante. Pode ser compreendido como agradável ou não, valorado como positivo ou reprovável. Na descrição de Lapoujade, o silêncio torna-se possível, existencialmente, como cúmplice, ameaçador, desaprovador, repousante. Mas o que constitui a mesma atitude do (ou a mesma expressão categorial) silêncio como repousante,

ameaçador, cúmplice? Pedro Duarte, ao analisar esta categoria, colabora na reflexão desta questão exemplificando-a:

São muitos e variados os silêncios, portanto: o silêncio da fé religiosa dos monges, da renúncia de Rimbaud à poesia e da loucura de Holderlin, o silêncio de Heidegger sobre o nazismo, o silêncio dos amantes que se olham, o silêncio da torcida de futebol diante do gol do time adversário, o silêncio da leitura e das bibliotecas, o silêncio prazeroso do orgasmo e o doloroso do trauma, o silêncio de soldados que voltam das guerras, dos prisioneiros dos campos de concentração, o silêncio imaginado do espaço sideral, o silêncio lacônico do tirano, o silêncio brutal da violência, o silêncio hipócrita em nome do bem-estar social, o silêncio surpreso, o silêncio do pensamento (DUARTE, 2014, p.133).

Seria possível, neste ponto, propor relações de convergência e dissenso entre os autores e instigar novas estratégias de catalogar as possibilidades de expressão do silêncio. Quando Pedro Duarte se refere ao silêncio da fé religiosa dos monges, estaria tratando do mesmo silêncio repousante citado por David Lapoujade? Ou tal silêncio, em si, já pode ser entendido como atitude contemplativa, de “*fugis mundi*” ou mesmo em uma atitude de escuta. O silêncio dos amantes que se olham deve ser entendido como um silêncio cúmplice, ou pode ser expressão de algo temeroso, de hesitação ou da simples expressão de que ao se completar, se bastam. O silêncio lacônico do tirano e o silêncio brutal da violência, ambos podem ser relacionados ao silêncio ameaçador, vingativo, insano, mas podem ser mais do que isto. O silêncio de Heidegger sobre o nazismo pode ser entendido como o silêncio cúmplice, ou não poderia ser, em certo ponto, desaprovador ou covarde? Podemos indicar que o silêncio faz parte do cenário de cada ser e que pode ser desejado ou temido.

Para Pedro Duarte, desde cedo o silêncio desperta, na civilização ocidental, um misto de fascinação e medo, sedução e angústia. Por um lado, é esperança de paz e tranquilidade, do instante em que o falatório cotidiano cessa, quando não há mais barulho e, modernamente, estamos livres de obras e de britadeiras, buzinas, motores e sirenes. Por outro lado, é o terror metafísico do vazio, do nada, da solidão, do tédio e da morte. É neste sentido que se reforça a ideia de que “em suma, o silêncio não é negativo, anulação de som, é a condição de possibilidade para que o som seja ouvido, uma abertura para audição da prosa do mundo” (DUARTE, 2014, p.132).

Na mesma perspectiva, com uma proposta categorial diferente, Jorge Coli insiste na possibilidade (e necessidade) de distinguir os vários usos e compreensões do silêncio. Para Coli,

Esses silêncios são diferentes segundo suas origens, segundo a situação na qual nós nos encontramos. Há, por exemplo, o silêncio da espera, que

pode ser carregado de agitações ou de tédio. Há o silêncio da noite, que faz surgir a experiência sem palavras do mistério, aliado ao torpor, ao sono, ao negror invisível. Outro exemplo é o silêncio do quarto de dormir, que guarda em si a espessura do repouso. O silêncio do quarto de dormir é diferente do silêncio da sala de estar, por exemplo; outro também é o silêncio das bibliotecas, silêncio interativo, carregado de respeito, no qual tememos levantar a voz; ou o silêncio dos templos, que parece se voltar para uma abertura em relação ao transcendente (COLI, 2014, p.426).

Sem pretender esgotar as possibilidades, convergimos na noção de que a variedade do silêncio pode ser entendida a partir de sua origem e de sua situação relacional, que expressam sua característica frente a uma determinada finalidade e na forma como se elaboram seus significados na relação. Compreendê-lo perpassa, portanto, a origem, a situação, a finalidade e os diversos significados atribuídos.

Um exemplo é a questão do silêncio das pessoas que sofrem. “O silêncio do sofredor comunica em seu corpo saberes próprios de quem está sofrendo” (COELHO, 2012, p.2259). Refletindo o pensamento da antropóloga indiana Veena Das, podemos perceber que o “sofrimento não-narrado pela linguagem da fala pode ser expresso nas linguagens do corpo” (COELHO, 2012, p.2259). Assim, o silêncio daquele que está sofrendo, é uma maneira do sofredor se comunicar. O silêncio do sofredor possui seus “dizeres” próprios. O sofrer humano, enquanto realidade existencial, expressa-se convergentemente na linguagem da fala ou no corpo silencioso, manifestando uma lógica complexa que simboliza uma experiência humana de sofrer que, em muitas vezes expressa o sentido do sofrer “sem sentido”.

Outro exemplo de caracterização é o silêncio da natureza. Para Olgária Matos (2014), podemos compreender esta perspectiva em duas tipologias de silêncio, o da natureza primordial e do seu mutismo atual. Seria o *tacere* (calar-se), *silere* (permanecer silencioso). Matos afirma que, em seus estudos sobre Walter Benjamin, na língua latina clássica estes dois verbos querem dizer a mesma coisa. Anteriormente, no período pré-clássico, havia entre os dois termos uma diferença interessante: o *tacere* remete ao silêncio verbal, alguém que fala, ou melhor, que não fala, enquanto o *silere* seria uma tranquilidade, uma ausência de movimento e de ruído. Neste sentido, afirma a autora: “Pode-se dizer que a noite, o mar, os ventos, *sileo*, *silent*, silencia, silenciam, estão tranquilos, silenciosos” (MATOS, 2014, p.54). Sendo assim, podemos afirmar que na natureza encontramos o silêncio, através dela conseguimos fazer a experiência de silenciar, basta notarmos quando estamos apreciando uma noite estrelada à beira do mar e ouvimos apenas suas ondas, rodeadas de melodias silenciosas. Há, portanto o nosso silêncio, o *tacere* e o silêncio do ambiente em que vivemos o *silere*.



Para Marcelo Jasmim (2014), o silêncio, seja o *tacere* ou *silere*, pode estar presente em todo momento, em diversas situações, com origens diversas:

Quantas vezes não somos silenciados pelo impacto, inclusive físico, em nossos corpos, de nossas emoções, do dizer de uma poesia, da palavra sincera de um amigo, de uma declaração de amor. Ainda que seja por instante breve, o silêncio se faz ao ouvirmos algo que nos parece vir da sabedoria, da beleza, do carinho ou do amor. Se há palavras que precisam do silêncio para ser ouvidas, como aquelas de uma conferência, ou as sussurradas ao pé do ouvido pelo segredo ou pelo amante, também há as que, enunciadas, produzem silêncio no mundo (JASMIM, 2014, p. 251).

Situações como estas citadas pelo autor, em que fazemos a experiência de nos silenciarmos diante de uma palavra sincera, o impacto, declaração de amor, todos nós vivenciamos ao menos uma dessas características. Esta citação permite considerarmos que na recepção dos sentidos e finalidades do silêncio, por exemplo, há a diferença fundamental entre ser silenciado e silenciar-se. Como vimos, o silêncio imposto, ameaçador, fruto da violência em que o indivíduo é silenciado distingue-se do silenciar-se. O silenciar-se nasce espontaneamente como citados anteriormente, por exemplo, o silêncio da fé religiosa dos monges, da contemplação, da omissão, do protesto ou da resistência frente a violência.

Enquanto realidade evidente, o silêncio pode ser presença instantânea e breve mesmo no interstício do falar. Merleau-Ponty considera que é preciso pensar “a palavra antes de ser pronunciada, o fundo de silêncio que não cessa de rodeá-la, sem o qual ela nada irradia, ou ainda por a nu os fios de silêncio que nela se entremeiam” (MERLEAU-PONTY, 1991, p.47). É a mesma linha de raciocínio de Eni Orlandi que afirma que o silêncio é o que há entre as palavras, entre as notas de músicas, entre as linhas, entre os astros, entre os seres. O silêncio, diz Orlandi, é o “intervalo pleno de possíveis que separa duas palavras proferidas: a espera, o mais rico e o mais frágil de todos os estados...” O silêncio é “iminência”. “Não está apenas entre as palavras. Ele as atravessa. Acontecimento essencial da significação, ele é matéria significante por excelência” (ORLANDI, 2002, p.71).

Insistindo na pluralidade da compreensão do silêncio, Frédéric Gros (2014) aponta a oposição entre o silêncio e o ruído, como explicita negação e exclusão:

O silêncio e o ruído se opõem de maneira nítida e exclusiva. O ruído pode ser definido como uma série caótica de sons, de choques. É nesse quadro que se opõe, por exemplo, a suavidade dos campos silenciosos à dureza das cidades ruidosas. O ruído é desagradável, violento. O silêncio, então, marca uma ruptura: ele é ausência de ruídos. Opõe a um caos sonoro uma superfície isolante branca que serve de anteparo. É a negação do ruído (GROS, 2014, p.338).

Seria diferente a experiência de relação do silêncio que antecede, como preparação, a execução de uma peça musical. Neste caso, constitui-se como “seu ponto de emergência, sua origem, talvez mesmo sua possibilidade pura. O silêncio que encerra a música, o que vem imediatamente após a última nota, reúne nele a totalidade da melodia. (...) A música nasce do silêncio e retorna a ele, emerge do silêncio e depois funde-se nele” (GROS, 2014, p.339). Nesta perspectiva, não há negação por exclusão, mas como arcabouço e horizonte de unidade, seja o ponto que marca seu início e o término.

No entanto, é preciso o cuidado para nossa reflexão não se resuma a um dualismo, uma vez que, se o silêncio pode ser entendido como ausência de ruído, também é verdade que a situação de silêncio não está necessariamente isenta de qualquer “sonoridade”. Eni Orlandi, já citado, afirma que quando “estamos em silêncio: há o “pensamento”, a introspecção, a contemplação, etc” (ORLANDI, 2002, p. 37).

De certa forma, podemos afirmar como Francis Wolff, que esta categoria é marcada pela ambivalência. O silêncio possui uma dupla condição, às vezes contraditórias. Por vezes sua presença é positiva, “faz bem”, ou sua presença é negativa, pois impede a comunicação, censura, entristece, desumaniza. Diz Wolff que “o silêncio ora marca a sufocação do sentido que busca se dizer, ora remedeia essa mesma sufocação do sentido que é o ruído. Daí a sua dupla função **contraditória**: *permitir o sentido com a condição de que o sentido o rompa*. Ele é a melhor e a pior das coisas (WOLFF, 2014. p.45, *grifos nossos*).

Sem alongar o argumento, sua função contraditória exige uma postura crítica e analítica, ampliando o dualismo de possibilidades no amplo aspecto de variáveis entre o signo de um espírito meditativo, condição de recolhimento ou um resultado de espírito vazio, pensamento infecundo, estéril; signo de uma sensibilidade muito forte ou de uma total insensibilidade; manifestação de força ou impotência. Desse modo, procuramos indicar inúmeras categorias e diferentes formas de abordar o silêncio e a atitude de silenciar (-se). Não tem como abster-se do silêncio, mesmo como seres falantes. É compreendido no âmbito da linguagem e faz parte do nosso viver.

#### **4. POSSIBILIDADES DE APROXIMAÇÕES REFLEXIVAS**

Apesar de serem inúmeras as possibilidades de pensar ou experienciar o silêncio, destacaremos neste artigo três perspectivas: enquanto ausência, apreciação estética e experiência com o transcendente. São possibilidades de aproximações reflexivas que fecundam outras abordagens.

Seria o silêncio presença ou ausência? Francis Wolff afirma que: “Falar é romper o silêncio. Fazer silêncio é abster-se de falar. Falar do silêncio é como desenhar... o vazio. É

como representar... um buraco. Uma ausência” (WOLFF, 2014, p.31). Neste sentido, na medida em que falamos, rompemos com o silêncio, fazemos com que deixe de compor a cena. Sendo assim, podemos dizer que o silêncio em certos momentos é presença como também há momentos em que ele é ausência.

Contudo o silêncio, ele, não é somente nada, ele é claramente uma ausência: espera-se alguma coisa que não está aí. Não há nada a ouvir. O silêncio, portanto, é forçosamente ausência de alguma coisa. Então haveria não somente um silêncio, mas diversos silêncios, conforme o que uns ou outros escondem, conforme a presença que deles se ausenta. Em outros termos, o silêncio não é um nada, mas como diziam os Antigos e os Medievais, é privação (WOLFF, 2014, pp. 34-35).

Se o silêncio é privação, quer falar que ele existe, se faz presente, mas o meio em que estamos inseridos, é possível também que não o notemos. Deste modo, o silêncio não é alguma coisa, privação não quer dizer que ele não exista. O sociólogo Boaventura de Souza Santos (2010) trabalha como categoria crítica a “sociologia das ausências”, tendo como objetivo desvelar o sentido destas impossibilidades. Assim, algumas vezes em que o silêncio é pensado como ausência, deve motivar a busca reflexiva pelos procedimentos que o tornam como aquilo que não existe, ou cuja existência é socialmente inapreensível e inexprimível. O que está ausente pode ser concebido como o resultado ativo de um determinado processo social.

Aplicando este pensamento de Boaventura S. Santos, podemos dizer que o silêncio existe, não é ausência, podendo ser considerado inapreensível por uma deliberação para que se passe por despercebido. Desta forma, deixa de ser discutido, por isso muitos irão dizer que ele não é nada ou que não possui relevância filosófica. O silêncio desconsiderado social e filosoficamente, se torna ausente, na medida em que dentro de uma certa perspectiva supervaloriza-se a fala, como vimos anteriormente.

Na segunda aproximação proposta, o silêncio enquanto apreciação estética seria aquele próprio às obras de arte. Entretanto, entendemos que o silêncio da apreciação estética pode ir além das obras de arte, abrangendo toda experiência sensível, como a apreciação da natureza ou da harmonia e beleza que se manifesta mesmo na cultura que não é considerada arte. Jorge Coli (2014) ressalta que aqueles puderam experimentar, de maneira plena, “o silêncio cúmplice oferecido pelas obras que se dirigem a nós”, descubrem uma relação que pode ir além das aparências que tais obras de arte nos oferecem. Mesmo que na prática estejamos inseridos no conjunto de uma multidão que aprecia a obra de arte, instalam-se “momentos privilegiados (...) na relação entre o espectador e a obra, em que tudo desaparece à volta. A obra de arte pertence ao mundo do silêncio”, afirma Jorge Coli (COLI, 2014, p.427). Ressaltamos que a atitude estética não se realiza apenas ante uma obra de arte, mas mesmo diante da natureza ou de outros conjuntos da criação humana.

Coli insiste na perspectiva da apreciação estética da arte, exemplificando com os pintores simbolistas do final do século XIX, místicos que em geral acreditavam que o mundo é cheio de sinais silenciosos abrindo-se para abismos de sabedoria e de conhecimentos não ditos. “Revelam mistérios impossíveis de ser compreendidos, mas o fato de serem incompreensíveis não significa a impossibilidade de nos unir a esses mistérios” (COLI, 2014, p.427). Por exemplo, Coli afirma que estar diante de um quadro de Piero della Francesca, pode produzir uma reação de recolhimento e de imobilidade. Neste sentido, afirma:

O campo da pintura, seja ele o da imobilidade, do recolhimento, seja ele o da agitação, é sempre recoberto de silêncio, e todos os silêncios são bons no que concerne às obras de arte. Só existe um silêncio ruim em relação a elas: o silêncio que impede as obras de arte de emitirem suas vozes, silêncio produzido pela mordação, silêncio da censura. É o único silêncio, no campo das artes, que deve ser combatido (COLI, 2014, p. 434).

Nesta metáfora, se a “voz” da arte é expressão de seu pleno significado, silenciar tal significado é a característica do ato de censura. Diante desta afirmação, poderíamos refletir, nos dias de hoje, quais seriam os silêncios que impedem as obras de arte de emitirem suas vozes, compactuando com processos silenciadores pela censura?

Por fim, refletiremos a terceira perspectiva, o silêncio enquanto experiência com o transcendente. É bastante característico das religiões a busca do silêncio (não característica fundamental, mas bastante importante). Para Eni Orlandi, “os místicos, os cristãos, os neoplatônicos, os persas, os hindus, os árabes, os judeus na Idade Média fizeram largo uso do silêncio como meio de encontrar a Deus” (ORLANDI, 2002, p.64). Também diz que se recorrermos à Sagrada Escritura, encontraremos várias referências ao silêncio. Poderíamos dizer que ele é um dos meios mais usados para nos relacionarmos com o transcendente, pois associa-se ao estado de espírito profundo de reflexão, meditação e escuta. Este uso do silêncio para encontrar-se com o transcendente se dá em diversas denominações:

Os místicos católicos da Contra-Reforma e os Quietistas do século XII apreciam bastante o silêncio e fazem da prática da presença de Deus no silêncio, o centro de sua religião. Os trapistas, como sabemos, fazem voto de silêncio eterno. Entre os protestantes, pode-se lembrar a Sociedade dos Amigos ou mais particularmente os Quakers, para os quais o silêncio tem um lugar central. Sem esquecer os eremitas que têm garantida – sob diversas formas, adaptadas às diferentes formas da sociedade – sua presença ao longo da história da humanidade (ORLANDI, 2002, pp. 64-65).

Assim podemos dizer que em qualquer denominação religiosa, a busca do silêncio, seja ele contemplativo, reflexivo, meditativo, normalmente está associada ao contato com algo sublime, inesgotável, transcendente. Na experiência religiosa, transcendental, mística, o silêncio pode comunicar algo, transmite algo, permitindo uma atitude muitas vezes de

modificação das formas de pensar e agir, uma atitude de ruptura, talvez mesmo crítica no nível pessoal, social ou em relação à natureza.

Diante das três perspectivas destacadas neste trabalho, o silêncio enquanto ausência, apreciação estética e experiência com o transcendente, possui várias características, interpretações, formas de experimentação, tendo cada uma destas perspectivas uma maneira diferente de fazer com que o silêncio seja refletido. No limite do artigo, indicamos esta abordagem, sem excluir a possibilidade de diversas outras aproximações do silêncio. Procuramos, no entanto, demonstrar que a categoria do “silêncio” pode constituir-se um tema filosófico, merecendo um estudo sistemático.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como pretensão pensar o silêncio filosoficamente. Diante das interpretações de vários autores, refletimos que nos ausentarmos do barulho seria praticamente impossível, mas vimos que é preciso manter um certo equilíbrio entre o barulho e o silêncio. Mesmo sabendo que ao silêncio resta apenas um pequeno espaço, sem ele, acreditamos que dificilmente conseguiremos refletir, entender o que se diz.

O silêncio, como vimos no decorrer deste trabalho, se dá de diversas maneiras, pois ele possui variadas categorias: o silêncio das palavras, das coisas, dos objetos, da natureza. Somos seres falantes, possuímos linguagem e vimos que o silêncio se faz presente entre as palavras. O fato é que o silêncio, em meio à prosa do mundo, faz parte do nosso viver.

Limitamos as aproximações a apenas três abordagens filosóficas: o silêncio enquanto ausência, apreciação estética e experiência com o transcendente, sem excluir a possibilidade de diversas outras aproximações reflexivas. Com esta pesquisa, quisemos mostrar que é possível refletir o silêncio de um modo filosófico, convidando ao seu estudo mais sistemático.

## 6. REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. **O Rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BUCCI, E. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. “O rumor da mídia” in: NOVAES, **Mutações**. São Paulo: Ed. SESC SP, 2014, p.167-192.
- CICERO, A. “A poesia entre o silêncio e a prosa do mundo” in: NOVAES, **Mutações**. São Paulo: Ed. SESC SP, 2014, p.367-382.
- CLÁ DIAS, J. S. **A seriedade e o silêncio que proclamam**: Retiro. São Paulo: s/ed., 2002.
- COELHO, A. S. Conhecer pelo sofrimento: Aspectos da religião no conhecimento perspectivado em Veena Das. **Anais do Congresso da SOTER- Sociedade de Teologia e Ciências da Religião – v.1, n.1 (2012)**- Belo Horizonte: PUC Minas, 2012, p.2248-2272.
- COLI, J. **Ponto de Fuga**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

- \_\_\_\_\_. “A inteligência do silêncio” in: NOVAES, **Mutações**. São Paulo: Ed. SESC SP, 2014, p.425-434.
- DUARTE, P. “O silêncio que resta” in: NOVAES, **Mutações**. São Paulo: Ed. SESC SP, 2014, p.131-150.
- GIACOIA JUNIOR, O. “Por horas mais silenciosas” in: NOVAES, **Mutações**. São Paulo: Ed. SESC SP, 2014, p.79-96.
- GROS, F. “Fazer calar e fazer falar o sexo” in: NOVAES, **Mutações**. S. Paulo: Ed. SESC SP, 2014, p.337-349.
- JASMIM, M. “Silêncios da História: experiência, acontecimento, narração” in: NOVAES, **Mutações**. São Paulo: Ed. SESC SP, 2014, p.249- 271.
- LAPOUJADE, D. “Intuition et sympathie”, **Annalesbergsoniennes**, t 3, Paris, PUF, 2007, p. 429-447
- \_\_\_\_\_. “O inaudível: uma política do silêncio” in: NOVAES, **Mutações**. São Paulo: Ed. SESC SP, 2014, p.151-165.
- LESSA, R. “O silêncio e sua representação” in: NOVAES, **Mutações**. S. Paulo: SESC SP, 2014, p.295-311.
- MATOS, O. “A escola do silêncio: acídia e contemplação” in: NOVAES, **Mutações**. São Paulo: Ed. SESC SP, 2014, p.53-78.
- MERLEAU-PONTY, M. “A linguagem indireta e as vozes do silêncio”, em **Signos**, São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 47.
- \_\_\_\_\_. **Le visible et l’invisible**. Paris: Gallimard, 1964.
- NOVAES, A. **Mutações**: O silêncio e a prosa no mundo. São Paulo: Ed. SESC SP, 2014.
- ORLANDI, E.P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas SP: Editora da Unicamp, 5ª edição, 2002.
- PADRÃO, C. Considerações sobre o silêncio na clínica psicanalítica: dos primórdios aos dias atuais. **Cad. Psicanál. -CPRJ**, Rio de Janeiro, ano 31, n.22, p.91-103, 2009.
- SANTOS, B.S. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 3ª edição, 2010. WOLFF, F. “O silêncio é a ausência de quê?” in: NOVAES, **Mutações**. S. Paulo: SESC SP, 2014, p.31-51.
- \_\_\_\_\_. **Pour quoi la musique?**, Paris: Éditions A. Fayard, 2015.